

Rischbieter não acredita em recuperação

• 2 ABR 1984

O ex-ministro da Fazenda no governo Geisel, Karlos Rischbieter — deixou o Ministério em janeiro de 1980 —, entende que não existe qualquer sinal de saída da atual crise econômica brasileira. Em entrevista concedida ao jornal *Zero Hora*, em Porto Alegre, Rischbieter afirma que a "reativação da indústria paulista e o superávit na área externa, nada significam ainda". Salientou também que este ano será parecido com o anterior, mantendo-se a inflação e o desemprego em níveis elevados e com a economia não crescendo. E, por enquanto, ele não encontra perspectiva de melhora em 1985.

Ao acentuar a falta de credibilidade do povo nos ministros da área econômica, porque dizem sempre as mesmas coisas e a inflação não baixa, Karlos Rischbieter disse que uma boa saída para a crise seria a eleição direta para presidente da República. "Não sou dogmaticamente a favor das diretas, pois as indiretas também são válidas, desde que expressem segmentos importan-

tes da sociedade. Mas, no momento, para atenuar a pressão, o ideal seriam as diretas, pois mesmo que o eleito não seja eficiente, o povo o agüentará mais, porque votou nele", assegurou Rischbieter, autodenominando-se otimista no aspecto política brasileiro e pessimista no econômico.

Karlos Rischbieter sugere, com relação à dívida externa brasileira, a nomeação de um negociador, com um comitê de assessoramento, formado por representantes do empresariado, dos partidos políticos e dos sindicatos, com o respaldo do presidente da República, de quem seria uma espécie de embaixador especial, para negociar com os credores, em nome do povo. "Este negociador diria aos credores que tem um tanto para pagar e além dessa quantia o País está sem condições de saldar. Se não concordassem, então o Brasil declararia a moratória e não pagaria mais."

O ex-ministro, lembrou porém, que o Brasil sofreria muito com a moratória, pois

não tem caixa. Mesmo assim, insiste na renegociação, só que com o respaldo popular.

Quanto à dívida interna, Rischbieter afirmou que, ao contrário da externa, não é possível se dar o calote. "A dívida interna cresceu muito a partir de 1981. Seu processo de pagamento é lento, talvez, com credibilidade, se possa lançar um título novo, atrativo em termos de 'quanto maior o prazo, maior a rentabilidade'", disse Rischbieter, lamentando que isso ainda não tenha sido feito. "A caderneta de poupança hoje é um título de 30 dias. Está pagando 6% ao mês. Nenhum país do mundo tem 6% real para um título de 30 dias. Esta é a maior remuneração que se pode encontrar em qualquer mercado financeiro".

Numa análise sobre as recentes mudanças nos reajustes das prestações do BNH, Karlos Rischbieter, as qualificou como um jogo e que, "em razão disso, preferiria não mudar, porque não sei qual será a regra"